RAÍZES E REVELAÇÕES

Di Cavalcanti aprendeu a amar em Ribeirão

Um dos maiores pintores do país vendeu dormentes para estradas de ferro da Mogiana e freqüentou cabarés de Ribeirão Preto no início do século 20. Logo depois, idealizou a Semana de Arte Moderna que comemora 85 anos amanhã

MATHEUS URENHA

ODILLA MESTRINER Di Cavalcanti fez parte de uma geração pioneira que agitou a arte nacional a partir da década de 20

RÉGIS MARTINS

Quando o assunto é pintura moderna, o nome de Candido Portinari é o nome mais lembrado em Ribeirão Preto e região. Primeiro porque Portinari nasceu aqui do lado, em Brodowski, e segundo porque sua obra, tão ligada à terra onde nasceu, popularizou-se ainda mais com o passar dos anos.

Mas o que pouca gente sabe é que Ribeirão teve uma importância decisiva para o estilo de outro artista modernista, tão conhecido quanto Portinari.

O carioca Emiliano Di Cavalcanti viveu parte de sua juventude na cidade e foi aqui que se apaixonou pela vida boemia, retratada em seus melhores quadros. Pelo menos é o que ele próprio afirmava em um de seus mais curiosos relatos registrado no site oficial do artista, o www.dicavalcanti.com.br.

Dormentes na Mogiana

Logo após começar a carreira artística desenhando caricaturas e ilustrações na histórica Revista Fon-Fon, Di Cavalcanti viaja de trem para Ribeirão Preto no início do século 20, auge do período cafeeiro.

"Em Ribeirão Preto vivi uma vida estranha. Marcava dormentes na Mogiana, com meu querido tio Ariosto e freqüentava os cabarés da cidade", escreveu o pintor, para depois revelar: "Ribeirão Preto iniciou-me no amor ao cabaré".

Naqueles anos, a cidade era conhecida mundialmente por sua pujança econômica e cultural.

A Mogiana onde o artista "marcava dormentes" (aqueles pedaços de madeira que uniam os trilhos de trem) era a Companhia de Estradas de Ferro responsável pelo transporte do café para o Porto de Santos.

A experiência em Ribeirão parece ter sido marcante: "Voltei ao Rio. E decidi ser mais depressa possível um profissional das artes e, se possível, das letras", conclui em seu relato.

Cabaré de luxo

Naquele rico período Ribeirão Preto, a exemplo de Paris, era uma festa, graças a um francês chamado François Cassoulet que comandava duas das casas mais animadas daqueles anos: o Cassino Antarctica e o Eldorado.

O Eldorado era um cabaré de luxo que tinha como maior atrativo as "polacas", prostitutas "importadas" das melhores casas européias.

- Parece que o Cassoulet teve uma influência especial na criação do modernismo brasileiro, brinca o professor e escritor Divo Marino.

Apesar de desconhecer a passagem de Cavalcanti por Ribeirão Preto, Divo não duvida que o jovem pintor tenha se encantado pela vida noturna da cidade.

- Muitas pessoas vinham para cá atraídas pelo dinheiro e pelas mulheres de Cassoulet que diziam ser lindíssimas, diz.

Largo de São Francisco

O site www.pitoresco.com.br, especializado em pintores brasileiros, confirma que o artista viveu um breve período em Ribeirão, porém informa que em seguida o jovem segue para a capital paulista e não para o Rio.

O site diz que em 1916, Di Cavalcanti mudou-se para São Paulo e conseguiu o emprego de arquivista no jornal O Estado de São Paulo "após ter sido marcador e vendedor de dormentes em Ribeirão Preto". Na capital freqüenta as aulas de direito no Largo de São Francisco mas, sobretudo, desenha.

Neste período o artista freqüenta o atelier do impressionista George Elpons e torna-se amigo de Mário e Oswald de Andrade.

Entre 11 e 18 de fevereiro de 1922 idealiza e organiza a Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo e o resto é história.

REPRODUÇÃO

ARTE NACIONAL Telas do pintor retratam figuras do povo e da boemia carioca

Figura de ruptura

Para o artista e dono de galeria Marcelo Guarnieri, é realmente curioso imaginar que um dos papas do modernismo viveu em Ribeirão.

- Di Cavalcanti foi uma das principais figuras de ruptura da arte acadêmica brasileira, explica.

Guarnieri diz que a obra de Cavalcanti é uma das mais valorizadas entre os modernistas, ao lado de nomes como Tarsila, Volpi e Portinari.

Tanto que é difícil encontrar uma tela do carioca em galerias. Guarnieri já comercializou desenhos do artista, que podem ser encontrados com alguma freqüência.

- É um artista muito falsificado porque seu trabalho tem muita liquidez, comenta.

O galerista revela que em leilões realizados nos últimos anos, alguns quadros de Cavalcanti alcançaram até 600 mil dólares, um valor alto para o mercado nacional.

- E realmente vale. Era um excelente colorista, diz.

Estopim

A artista plástica Odilla Mestriner ficou surpresa com a informação de que a "arte boemia" e notadamente carioca de Cavalcanti tinha influência de Ribeirão Preto.

- Realmente é algo inusitado, ainda mais pela importância de Cavalcanti, argumenta.

Para Odilla, o artista fez parte de uma geração pioneira que "entrou para agitar a arte nacional".

- Aquele movimento da Semana de Arte Moderna foi o estopim do primeiro movimento artístico brasileiro, ressalta.

Sortudo

O escultor Ary De Lazari, de 73 anos, conheceu Di Cavalcanti durante uma exposição relâmpago que realizou em São Paulo em 1959. De Lazari deu sorte de estar no mesmo dia e local (Galeria Preste Maia) em que o governador Carvalho Pinto acabava de instituir o Dia do Artista Plástico.

- Estavam presentes alguns dos maiores pintores do país, inclusive o Di Cavalcanti que foi ver o meu trabalho, lembra De Lazari, especialista em "micro-esculturas" em giz e lápis.

E o que o pintor das mulatas achou do trabalho do ribeirão-pretano?

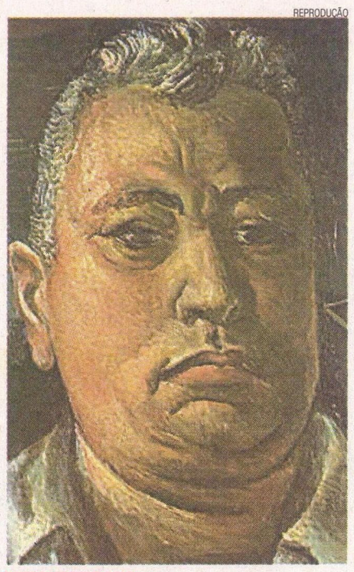
- Interessante, responde Ary.

NÃO PERCA

Modernistas na TV

Para comemorar os 85 anos da Semana de Arte Moderna, a TV Cultura exibe entre os dias 12 e 16 de fevereiro, sempre às 20h, uma programação especial com documentários sobre o movimento e alguns dos nomes mais marcantes do modernismo. Entre eles, Oswald e Mário de Andrade, Graça Aranha, Villa-Lobos, Victor Brecheret, Menotti Del Picchia e claro, Di Cavalcanti.

REPRODUÇÃO



AUTO-RETRATO Moderno e único

MATHEUS URENHA

MARCELO GUARNIERI Dono de galeria diz que quadros do carioca são valorizados e já alcançaram quantias de até US$ 600 mil

POLÊMICA

Filha proibiu filme

A reportagem tentou falar com a filha única de Di Cavalcanti sobre a passagem de seu pai por Ribeirão Preto, mas Elisabeth Di Cavalcanti Veiga não retornou nem telefonemas e nem e-mails.

Elisabeth, que comanda o instituto que recebe o nome de seu pai, ficou famosa ao impedir a exibição do filme "Di", realizado pelo cineasta baiano Glauber Rocha em 1977. Elisabeth impetrou um mandado de segurança para interditar a exibição da obra, que considerou ofensiva. "Di" traz imagens do velório do pintor.